
**A PRESSA É INIMIGA DA TRADIÇÃO:
UMA LEITURA DO IMAGINÁRIO
MOÇAMBICANO ACERCA DO
MATRIMÔNIO**

Luís Henrique Alves Cordeiro Martins

Graduando em História pela Universidade de São Paulo.

E-mail: luis.henrique.martins@usp.br

A PRESSA É INIMIGA DA TRADIÇÃO: UMA LEITURA DO IMAGINÁRIO MOÇAMBICANO ACERCA DO MATRIMÔNIO**HASTE IS THE ENEMY OF THE TRADITION: A READING OF THE MOZAMBICAN IMAGINARY ABOUT MATRIMONY**

Luís Henrique Alves Cordeiro Martins

RESUMO

Neste artigo visamos realizar uma leitura da literatura contemporânea de Moçambique sob a ótica da História Social do Tempo. A partir de um conto baseado na tradição oral local, fornecemos ponderações dos embates entre a tradição matrimonial Ndu e a pós-modernidade Euro-Americana. A análise fundamenta-se na compreensão de como diferentes tempos históricos se entrelaçam nessa sociedade *periférica* e como isso afeta as percepções de como famílias devem se conjugar. Para tanto, nos valem de conceitos de Reinhart Koselleck, mas também são centrais Arrighi e Lipovetsky, como autores para embasar a leitura temporal e geográfica de Moçambique.

PALAVRAS-CHAVE:

História Social; Pós-modernidade; Tradição; Matrimônio; Moçambique.

ABSTRACT

In this article we aim to analyze the contemporary literature of Mozambique from the perspective of the Social History of Time. From a short-story based on local oral tradition, we provide considerations of the clashes between the Ndu matrimonial tradition and the Euro-American post modernity. The analysis rests on the understanding of how different historical times intertwine in this peripheral society and how this affects the perceptions of how families should conjugate. For that, we use concepts from Reinhart Koselleck, but also Arrighi and Lipovetsky, as authors to support the temporal and geographical reading of Mozambique.

KEY WORDS:

Social History; Post-Modernity; Tradition; Matrimony; Mozambique.

MOÇAMBIQUE EM PERSPECTIVA

A finalidade desta publicação é a de expandir a compreensão dos embates entre as tradições moçambicanas matrimoniais e as interferências globais. A ótica que a História Social do Tempo nos proporciona é essencial para compreender quais são as reações às infiltrações da pós-modernidade euro-americano. Elegemos um documento produzido no ano de 2006, em Moçambique, por alunos da *Escola Secundária São Francisco de Assis de Magunde*, localizada no distrito de Sofala. Sendo essa uma realização literária proveniente de contos tradicionais da região, assim como a população ndau¹ os chama, Nganos. Há uma riqueza de experiências nos contos, eles são provenientes de setores jovens que cresceram no período democrático, e precisamente por carregarem em si características tradicionais transferidas da oralidade expressam os conflitos da sociedade contemporânea.

O conceito de pós-modernidade é peça central na análise desse conto, pois assim verificaremos quais são as infiltrações ocidentais em Moçambique. Entendemos esse conceito através de dois autores centrais, David Harvey e Lipovetsky. David Harvey (2006) entende o conceito como uma compressão e constante aceleração do espaço-tempo, especialmente a partir dos anos 70. O espaço encolhe em uma “aldeia global” de telecomunicações que facilita o contato entre as partes, e há o aumento das interdependências ecológicas e econômicas entre diferentes locais no mundo. Os horizontes temporais se reduzem de maneira que só se pode experimentar o presente, esquecendo as fronteiras do passado e pensando sempre no futuro, no novo. Para o autor, a pós-modernidade é uma nova forma das sociedades se relacionarem com o espaço-tempo, cujo impacto é desorientador, atingindo o equilíbrio de poder e a vida cultural e social como um todo. Lipovetsky (2004), de outra forma, argumenta que há uma “hipermodernidade”, uma modernidade elevada à potência superlativa: hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperindividualismo, hipermercado. Seria uma exacerbação de características já presentes anteriormente e que se infiltram em todos os campos da sociedade e se difundem no espaço global.

Por conta do nosso foco em analisar o “tempo”, escolhemos o conto *A Vida dos Antepassados* do autor João Zacarias Chinhoca (MACHADO, 2007). Ele nasceu em 1986 no distrito de Buzi na província de Sofala em Moçambique, na época da produção estava no 11º ano escolar (equivalente ao 2º ano do secundário brasileiro), e como o mesmo informa, ele é casado e tem o sonho de “ser professor de geografia e filosofia”. O contexto é de suma

¹ Ndaus, assim como indica o próprio documento, é um grupo étnico derivado do Banto. Grupos que se autodenominam ndaus podem ser encontrados em Moçambique e no Zimbábue, nesse caso em Moçambique.

importância para entender a complexidade do conto escolhido, inclusive tornando propício apreender o local de fala do autor, então comecemos por ele.

Chinhoca nasceu durante a Guerra Civil Moçambicana (1977-1992), um conflito de longa duração e de impacto incomensurável para a estrutura social, este está entre um dos principais fatores que conduzem essa sociedade a ser uma das mais pobres do mundo, colocando-a em uma posição *periférica* no *sistema-mundo*.² No século XXI, Moçambique vive cercado de um capitalismo que se utiliza da mão-de-obra barata fornecida por essa região, mas também de seus recursos naturais abundantes.³ Enquanto um país da *periferia* do *sistema-mundo*, ele é explorado por sociedades que vivem no *centro* e na *semiperiferia*, serve como fornecedor de materiais baratos e pouco industrializados que são enviados para outras regiões do globo.⁴ Mas essa exploração não se faz na base da força, é necessário conquistar as mentes; através de um sistema de convencimento mostram que isso pode beneficiá-los, isto é, os incluem na própria lógica do capitalismo, naturalizando as concepções Euro-Americanas de sociedade.

Analisamos um país que tem o crescimento econômico como um ideal para a melhoria de vida da população; empenha-se em se igualar às potenciais *centrais*, tanto no campo mais óbvio da produção, quanto no do consumo.⁵ De outra forma, o estilo de vida da população local é constantemente comparado com aquele apresentado pelos ocidentais, e encontram nesses valores uma possível forma mais proveitosa de se viver. Essencialmente, argumentamos que em Moçambique os valores ocidentais são apropriados e readaptados ao seu contexto político e social (Chabal, 2008).

A PEDAGOGIA DA TRADIÇÃO: PÓS-MODERNIDADE EM XEQUE

Estudamos um documento produzido no século XXI, isto é, como produto dessa época, ele tem sua essência; as mentalidades presentes são – por determinação histórica – de

² É importante lembrar, porém, que é impossível resumir a situação de pobreza atual do país à simplesmente essas guerras, diversos outros fatores contribuíram para essa situação e é muito bem discutido por Ana Bérnard da Costa em seu Paper, *A pobreza, a guerra e a paz em Moçambique: teorias, relações e percepções*. (Costa, 2009)

³ Sua base de exportação é de alumínio (20,24%), carvão (14,41%) e petróleo (5,79% + 5,8% de gases de petróleo, como GLP), todos em estado bruto, isso é, não há qualquer participação de uma indústria nacional de base para refino. (Hausmann, 2018)

⁴ A conceptualização utilizada vem do trabalho de Giovanni Arrighi (2016).

⁵ Observável não só por seu enquadramento no sistema-mundo, mas também, objetivamente, em séries temporais econômicas: houve, recentemente, um crescimento de aproximadamente 50% em IDH em últimos 15 anos (2000-2015), consequência de um aumento, também, do PIB que saiu de 5 bilhões de dólares em 2000 para 15 bilhões em 2015, isto é, houve um crescimento econômico acelerado. (THE WORLD BANK, 2017).

seu tempo. Apesar de discutirmos tempos tradicionais e a vida de antepassados, esses contos somente serão reproduzidos se houver pertinência para aqueles que o estão replicando, isto é, se decidirem que esses ensinamentos têm valor para si e que devem ser repassados. Portanto, ao estudarmos esse documento, o essencial é compreender que estamos analisando mais aqueles que o escreveram no século XXI e menos a vida dos antepassados que o locutor apresenta.

Adentremos na narrativa. A história contada por Chinhoca, *A Vida dos Antepassados*, se passa no presente da escrita (século XXI), reproduzindo uma história de seu avô. O autor inicia o texto com uma intervenção própria, narrando que a vida dos antepassados era uma vida segura, regrada, moral e em comunidade, fornecendo um juízo de valor inicial antes de introduzir a história. Em um dia em que voltava da igreja, seu avô observa uma cena entre Chinhoca e sua esposa e então passa a contar uma história sobre matrimônios. Em um tempo antigo, assim como diz o avô, as pessoas somente se casavam após uma ritualização e sacralização dos indivíduos: os homens iam até a floresta comprovar sua fertilidade e aprender sobre as práticas sexuais; enquanto as mulheres aprendiam “o necessário para uma boa vida como mulher num lar feliz”. As mulheres, porém, nesse encontro tinham que provar sua virgindade, aquela que não fosse virgem era descreditada em toda a vila, anunciando a todos sua “condição”. “Havia sempre um controle sistemático se as jovens continuam virgens ou não”. Após todos esses rituais para os homens e as mulheres, um ritual de casamento se iniciava, os homens tocavam chitende⁶ e as famílias iam em busca de uma jovem “respeitada e com moral para o casamento”. Por fim, o autor entra novamente na narrativa para afirmar: “vi que tudo era o contrário daquilo que é feito hoje. A modernidade trouxe a desgraça”. O documento e o contexto histórico nos fornecem uma riqueza de material para entender o local de fala do autor, primeiramente, para depois buscar entender o discurso em si.

Nesse resumo do conto é possível observar que há uma tentativa por parte do autor de mostrar que esse passado era um lugar melhor de viver: honrado, seguro e regrado. Existia hora para realizar determinados atos, forma de fazê-los. Era simples de entender, deveriam seguir a receita fornecida pela tradição e a vida se ordenaria. O ponto central dessa narrativa está no casamento e em toda a ritualização necessária para a consumação do sexo, revelado pelo trecho, “Ele [o avô] queria exortar em mim o que era necessário no passado para uma pessoa casar”. Mas não só, havia a valoração da virgindade da mulher,

⁶ Instrumento musical similar ao Berimbau

determinando como seu dever era guardá-la. Apreenderemos, através desse conto, uma estrutura essencial de Moçambique: a família, o núcleo primário da organização social.

Chinhoca, todavia, expõe esse conto para engendrar uma crítica à própria atualidade, a frase “a modernidade trouxe a desgraça” nos indica isso. É a peça chave para esse trabalho, pois entendemos o porquê ele decidiu reproduzir em forma de literatura essa história de seu avô: ele queria mostrar uma forma mais proveitosa de se viver. Porém, para captar a essência dessa afirmação precisamos conhecer o que é a modernidade⁷ de Chinhoca e para Chinhoca.

Como nós já discutimos, Moçambique está em uma posição periférica no sistema-mundo, então como isso afeta as relações matrimoniais dos indivíduos, o foco da crítica de Chinhoca?

Gilles Lipovetsky nos oferece as ferramentas para responder essa pergunta. Os indivíduos na pós-modernidade foram libertos (ou se libertaram) de instituições antigas, como a dos rituais tradicionais ou até a do próprio matrimônio, e se realocaram em outras instituições: carreira, liberdade sexual, consumo, dentro de uma lógica essencialmente capitalista – individualizada e privatizada. Lipovetsky trabalha justamente com essa concepção, da pós-modernidade ser uma temporalidade dominada pelo precário e pelo efêmero.

No curso dos anos 60 que o pós-modernismo revelou suas principais características com o radicalismo cultural e político, seu hedonismo exacerbado; revolta estudantil, contracultura, moda da marijuana e do L.S.D., liberação sexual, mas também filmes e publicações pornô-pop, excesso de violência e de crueldade nos espetáculos, a cultura ordinária se encontra com a liberação, o prazer e o sexo (LIPOVETSKY, 1983, p. 118).⁸

Ao avaliar mais atentamente, concluímos que a análise feita por Lipovetsky coincide com a interpretação que Chinhoca tem de seu presente. Ao afirmar que “a modernidade trouxe a desgraça”, ele indica que as relações não são mais como antigamente, elas se tornaram imprevisíveis, foram libertas dos moldes da tradição Ndau e não respeitam o regramento. O autor sente o “derretimento” de antigas instituições e responde em moeda oposta. Ele encontra no passado exemplos que se opõe a essa situação, “Na Antiguidade, casar nesta tua idade de dezenove anos era considerado um abuso, falta de respeito; e sem

⁷ Quando Chinhoca fala em modernidade ele deseja dizer a palavra “contemporaneidade”, não é uma menção ao período moderno. Essa separação é importante de ser feita, pois o termo modernidade do autor é um equivalente ao que estamos conceitualizando como pós-modernidade.

⁸ Tradução livre. Citação original: C'est au cours des années soixante que le post-modernisme révèle ses caractéristiques majeures avec son radicalisme culturel et politique, son hédonisme exarcebé; revolte étudiante, contre-culture, vogue de la marijuana et du L.S.D., libération sexuelle, mais aussi films et publications porno-pop, surenchère de violence et de cruauté dans les spectacles, la culture ordinaire se met au jour de la libération, du plaisir et du sexe.

respeito, isso é! Uma pessoa casava com idade mínima de vinte e cinco anos depois de ter explicação de como se fazia o sexo”. Constatamos a valorização de uma tradição que defende os laços familiares, e toda a ritualização envolta na constituição do matrimônio, em oposição à vida desregrada pós-moderna, contrária aos antigos costumes.

As reações à pós-modernidade se estendem adiante; o caráter pedagógico do texto se sobressalta. Chinhoca considerou pertinente reproduzir as lições dadas por seu avô, pois mudou a sua própria percepção da realidade: concluímos isso pois ele afirma que “Depois de o avô contar tudo isso, vi que tudo era o contrário daquilo que é feito hoje”. Com a sua percepção modificada, ele deseja repassar essa lição para quem quiser ler; Chinhoca empenha-se em modificar a percepção de outros, cumprindo esse objetivo ao escrever.

Ao publicar o conto, ele oferece um *espaço de experiência* distinto para os leitores, transformando a percepção deles sobre o que é a vida, o que já foi e o que poderia ser, isto é, ao descobrir as antigas tradições as pessoas veriam uma forma mais agradável de viver a vida.⁹ Assim como Koselleck (2009) afirma, “as experiências se superpõem, se impregnam umas das outras. E mais: novas esperanças ou decepções retroagem, novas expectativas abrem brechas e repercutem nelas”.¹⁰ Somente a partir da sobreposição das experiências que ele tem essa introspecção. Existe um caráter pedagógico nesse ngano, de tentar modificar o *espaço de experiência* das pessoas e estender outra possibilidade de futuro.

A RELAÇÃO ANTITÉTICA ASSIMÉTRICA DA TRADIÇÃO E DO PÓS-MODERNO

Se o “espírito” era “moderno”, ele o era na medida em que estava determinado que a realidade deveria ser emancipada da “mão morta” de sua própria história – e isso só poderia ser feito derretendo os sólidos (isto é, por definição, dissolvendo o que quer que persistisse no tempo e fosse infenso à sua passagem ou imune a seu fluxo). Essa intenção clamava, por sua vez pela “profanação do sagrado”: pelo repúdio e destronamento do passado, e, antes e acima de tudo, da “tradição” – isto é, o sedimento ou resíduo do passado no presente [...] (BAUMAN, 2001, p. 9)

O conto nos apresenta a pós-modernidade como uma oposição à tradição, como um *antitético assimétrico*: a modernidade¹¹ encarna o mau, o inimigo, nas palavras do autor do documento, “só trouxe a desgraça”; em oposição ao tempo da tradição¹², “A vida dos

⁹ Eu parto do pressuposto que todos buscam uma boa vida, agradável, para o nosso autor essa vida mais agradável seria a vida tradicional, da “moral” e das regras.

¹⁰ *Horizonte de expectativa e espaço de experiências* são categoria de análise retirada de Koselleck em seu livro *Passado Futuro*, assim como o que ele chama de *pares antitéticos assimétricos*, respectivamente, são definidos no 14º e 10º capítulo. (KOSELLECK, 2009)

¹¹ Uso o termo modernidade pelo fato do autor o utilizar também, mas é uma referência ao que eu estou chamando de pós-modernidade.

¹² O tempo da tradição apresentado pelo conto não pode ser classificado temporalmente dentro das nossas divisões: pós-moderno, moderno, médio, antigo, etc. Ele é um tempo imemorable, não está dentro dos padrões

antepassados era uma vida segura. Ela era protegida de modo a garantir saúde e longevidade. As crianças aprendiam desde cedo a ganhar responsabilidade, respeito, moral e a viver em comunidade”. E é assimétrico porque o oposto dessa lógica também é válido: a pós-modernidade quer “derreter os sólidos”, profanando o sagrado, destronando o passado e repudiando a tradição. De outra forma, a tradição nega a modernidade e a modernidade nega a tradição. Nesse ngano, é possível observar esse *antitético assimétrico* funcionar, essencialmente, no campo do matrimônio e do sexo.

A tradição Ndau conta com a ritualização de diversos aspectos da vida, sacralizando atos como a fertilidade e o matrimônio e os separando da vida cotidiana. “[...] te obrigavam a fazer masturbação, ejaculando num lencinho, que devia colar. Caso contrário era sinal de que tu terias dificuldades para fazer filhos, fazendo-se necessário um tratamento tradicional para solucionar o problema”. Disso retiramos uma tradição médica, há um ritual em que se indica a fertilidade, e ainda uma medicina tradicional que seria capaz de solucionar esse problema para gerar um filho. Há também, por outro lado, espaços privilegiados onde se realiza a ritualização do sagrado, “O jovem era levado com um velho conselheiro para uma floresta”, isto é, há uma fratura no espaço, próprio do tradicional, em que se cria locais privilegiados que possuem os elementos propícios para se executar os rituais necessários. O espaço do tradicional é fraturado, existem locais corretos para se realizar determinadas ações: no caso do casamento, há a floresta, a região onde se realiza rituais que preparam o jovem para o casamento.

O tempo também entra nessa lógica, “[...] casar nesta tua idade de dezenove anos era considerado um abuso, falta de respeito; e sem respeito, isso é! Uma pessoa casava com idade mínima de vinte e cinco anos [...]”. O tempo da tradição possui suas fraturas específicas, períodos privilegiados. Quando atingido um determinado tempo de vida, todo jovem deve passar pelo teste da tradição, o homem provando sua fertilidade, “[...] te obrigavam a fazer masturbação, ejaculando num lencinho, que devia colar. Caso contrário era sinal de que tu terias dificuldades para fazer filhos [...]” e a mulher provando a sua virgindade, “Havia sempre um controle sistemático se as jovens continuavam virgens ou não”. Os rituais da tradição dependem, necessariamente, de um tempo fraturado para iniciar sua função, ela não age a qualquer momento, mas naquilo que já foi determinado pelos antepassados, por uma sabedoria anterior que dita qual o momento preciso para se executar determinadas ações. Mas não só, este ritual deve haver uma duração correta para que funcione, “Lá [na floresta],

temporais nosso, foi em algum passado, não se indica qual, pode ser inclusive um inexistente, mítico (ARMSTRONG, 2005).

permaneciam por dois dias para se ter essa explicação”, isto é, há todo um regramento envolto em tradições, pré-requisitos e processos, com locais e tempos sacralizados. São espaço-tempos especiais que carregam uma característica única que permite a execução desses rituais, que de outro modo seriam impossíveis de serem praticados.

Para a consciência moderna, um ato fisiológico – a alimentação, a sexualidade etc. – não é, em suma, mais do que um fenômeno orgânico, qualquer que seja o número de tabus que ainda o envolva (que impõe, por exemplo, certas regras para “comer convenientemente” ou que interdiz um comportamento sexual que a moral social reprova). Mas para o “primitivo” um tal ato nunca é simplesmente fisiológico; é, ou pode tornar-se, um “sacramento”, quer dizer, uma comunhão com o sagrado. (ELIADE, 1992, p.14)

Assim como indica Eliade, o efêmero nada mais é do que a satisfação imediata dos seus desejos, não se espera por um momento especial ou se faz determinados atos antes de completar uma tarefa, simplesmente o faz quando deseja – e quando se termina a mesma ela é esquecida para saciar novos desejos. A vida pós-moderna é desregrada, hedônica, igualmente aponta Lipovetsky, há a busca pelo prazer imediato, deixando de lado os rituais e as instituições sagradas. Esse estilo de vida é uma oposição ao tradicional, não respeita o tradicional e o nega.

Assim sendo, a tradição não funciona em todos os campos da vida, não se faz um ritual antes de pegar uma xícara de café ou tomar banho (talvez em tempos específicos, mas no cotidiano não). A relação *antitética assimétrica* que conceitualizamos vai se realizar somente em campos específicos da vida, onde o tradicional atua. O tradicional não é absoluto, ele está em locais e tempos privilegiados, isto é, não se experimenta a todo momento. Por outro lado, o pós-moderno – estilo de vida de uma época – está no campo do profano e se infiltra quando o tradicional não está.¹³ É nas fraturas – do tempo e do espaço – onde estão as relações *antitéticas assimétricas*, pois é onde se tem o embate entre a tradição e o moderno, o ritual e o profano. A exemplo disso temos o gano escolhido, o embate apresentado está no campo do matrimônio e das relações sexuais, só se pode casar seguindo os preceitos tradicionais ou não, há uma negação mútua, e essa constante luta por espaço entre esses tempos é o que molda o *espaço de experiência* de Moçambique.

¹³ Minois (1998) trabalha com a história do ateísmo e como ela se desenvolve até o fim do século XX no ocidente, essa é uma parte do desencantamento do mundo, que é deixar de lado a religião. Mas lembremos, isso não explica todo o mundo profano, mas sim uma parte significativa dele. Assim como Eliade (2005) nos indica, mesmo em um mundo profano é impossível fugir de fraturas do sagrado, existem datas comemorativas que remetem ao sagrado, espaços sagrados que participam da vida desses sujeitos ou mesmo uma linguagem atrelada ao sagrado.

Também afirma Krakowska (2013), a elite moçambicana, quando ingressa em um regime democrático, busca desenvolver a identidade nacional através de elementos não só modernos ou modernizantes, mas também através da tradição local e do passado pré-colonial.

A VELHICE E A SABEDORIA

Quando um velho morre, é uma biblioteca que arde

(Amadou Hampaté-Bâ).

Discutir a reprodução da tradição matrimonial é essencial para compreender os embates entre os tempos. Para tanto, começemos pela estrutura do texto. O enunciador das lições é o avô de Chinhoca, uma pessoa mais velha, com experiência de vida, que tem a capacidade de lembrar do passado ou das lições contadas a ele, “O velho, lembrando o passado, ficou envergonhado, sorriu e inclinou a cabeça. Horas depois ganhou coragem e chamou-me”, então o avô começa a contar a história. Por se tratar de uma tradição oral, quem tem a capacidade de transferir as sabedorias ancestrais para os jovens do presente é aquele que já ouviu essas histórias e as repassa.

O portador da sabedoria é aquele que já viveu e experimentou os diversos campos da vida, que teve contato com as gerações anteriores e recebeu conhecimentos deles, seja para contar as histórias ancestrais, seja para ajudar a interpretá-las da maneira “correta” (Nascimento e Ramos, 2011; Nascimento Dias, 2011). A tradição matrimonial depende do mensageiro para ser reproduzida. No tempo da tradição, a sabedoria nada mais é do que o tempo dos velhos, daqueles que já experimentaram e sabem do viver: sabem o que é ser um bebê, sabem o que é ser um adulto formado e um velho, já passou por todos os estágios da vida e tem a possibilidade de ensinar como facilitar cada passo do viver. Mas não só, durante cada um desses estágios foi guiado por pessoas que transferiram conhecimentos sobre a cultura que agora ele repassa.

Ser velho é ter um papel central nessa sociedade, é aquele que ensina os jovens a terem uma vida “moral”. Observamos isso no conto em diversos momentos, como quando ele diz que “o jovem era levado com um velho conselheiro para uma floresta. Lá, permaneciam por dois dias para se ter essa explicação”, isto é, a função do velho é de portar a sabedoria, aconselhar e realizar rituais de acordo com a tradição. Há alguns, porém, que recebem destaque por sua sabedoria, há um “velho conselheiro”, aquele que guardou melhor que os outros velhos os saberes do passado e agora é incumbido da função especial de ensinar.

O tempo da velhice se relaciona diretamente com o tempo do aprendizado, ele é encarregado de oferecer outros *espaços de experiência* para os jovens, ensinando-os uma vida “melhor”, “regrada” e “moral”. Quando Chinhoca afirma que “Ele queria exortar em

mim o que era necessário no passado para uma pessoa casar. Pela minha modernidade atual, eu não sabia de nada”, nós observamos essa relação do velho com o novo, do sem experiência com o portador da sabedoria ancestral. Ressaltamos a função social do avô nesse conto, “ele queria exortar o que era necessário para se casar”, isto é, ensinar o jovem a ter os “bons modos” da tradição, oferecendo novos conhecimentos e consequente, talvez, modificar as ações futuras de Chinhoca.

Para Ortega cada época e, portanto, cada geração, tem uma tarefa a realizar. Isto é devido à mudança na sensibilidade. Assim, em diferentes momentos, a realidade não lhes é apresentada da mesma maneira e com as mesmas necessidades. Quando uma geração muda de sensibilidade, isto é, o modo de perceber a realidade, uma filosofia beligerante é levada a cabo. Essa filosofia promove uma mudança de paradigma para superar o pensamento passado e satisfazer suas próprias necessidades (PINTO, 2014).¹⁴

O *espaço de experiência* de Chinhoca certamente se modificou com essas lições, somente pelo fato dele ter recebido os conhecimentos, ele teve novas experiências em vida, mas se isso irá afetar suas ações ou visão do mundo é outra questão. Assim como Ortega coloca, devemos nos perguntar se Chinhoca teve sua sensibilidade tão modificada que ele irá superar o pensamento do passado. Nesse caso, a história passada levanta uma conclusão em Chinhoca, de que “a modernidade só trouxe a desgraça”, isto é, descobrindo o passado ele tem seu *espaço de experiência* modificado e passa a ver o próprio presente de outra forma, de uma forma negativa, valorizando o passado ancestral.

Chinhoca está sendo bombardeando a todo momento pela pós-modernidade. Assim como mostra David Harvey (2006), a forma que esses valores são repassados é principalmente por intermédio de imagens: o cinema, a televisão, vídeos on-line, pôsteres, outdoors, propagandas em suas mais variadas formas são ferramentas fundamentais e que estão presentes no dia-a-dia de qualquer espaço que realiza intenso comércio de bens. Nessas imagens a sensualidade, o individualismo, o hedonismo são glamourizados, especialmente naquilo relacionado à cultura pop.¹⁵ Chinhoca certamente teve contato com essas formas de representação, e não só, casou-se fora dos padrões tradicionais por ignorância desse passado, indicando uma fraca presença de influências com conhecimentos das tradições em sua formação.

¹⁴ Tradução livre. Citação original: Para Ortega toda época, y por tanto cada generación, tiene una tarea que realizar. Ello se debe al cambio de sensibilidad. Así, a diferentes épocas no se les presenta la realidad de igual modo y con las mismas necesidades. Cuando en una generación cambia la sensibilidad, esto es, la forma de percibir la realidad, se lleva a cabo una filosofía beligerante. Esta filosofía promueve un cambio de paradigma profundo para poder superar el pensamiento pasado y satisfacer sus propias necesidades.

¹⁵ Artistas como Blaze, Laylizzy, Neide Sofia, Lizha James, Fabio Dance, Ziqo, entre tantos outros com grande impacto nacional em Moçambique – com vídeos atingindo marcas entre 100.000 até 1 milhão de visualizações no Youtube –, reproduzem essa mensagem em seus vídeos, além de participarem de comerciais veiculados na televisão para marcas multinacionais como Vodacom.

No tempo pós-moderno, o velho é aquele que deve ser superado, o antigo deve ser destronado, o objetivo final é o progresso. Assim como afirmam Koselleck (2009) e Harvey (2006), na época moderna – acentuado na época pós-moderna – há um distanciamento do *espaço de experiência* e do *horizonte de expectativa*, isso é, cada vez mais as experiências do presente se distanciam daquelas que vem a seguir. Em um tempo tradicional era possível quase prever qual seria a vida da próxima geração. Na época pós-moderna, entre a vida dos pais e dos filhos, há uma fratura abissal. O estilo de vida e o modo de se viver se diferencia profundamente das gerações anteriores, tornando quase impossível traçar um *horizonte de expectativa* coerente e dificultando a transferência de conhecimentos da tradição. Há a valorização do progresso constante, se alimenta o novo, a renovação, e para isso se “derrete os sólidos”, desvalorizando o conhecimento dos antigos, fazendo com que a relação entre gerações acabe sendo afetada. O velho não é mais o portador da sabedoria, mas somente alguém que possui conhecimentos há muito superados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto se faz abertamente sobre as bases da pedagogia, do mito que educa. A moral da história é que deveríamos voltar às nossas raízes tradicionais e abraçar a sabedoria do passado. É uma tentativa de inclinar outros para sua crença, a partir do exemplo do passado, do que o mundo seria se seguissem a tradição. Chinhoca pretende (mesmo que se inconscientemente) moldar um novo *espaço de experiência*, influenciar a percepção sobre o presente, mesmo que em uma escala pequena.

Observamos a atuação da pedagogia no momento em que ele põe em papéis opostos o presente e o passado, criando uma relação *antitética* do pós-moderno e do tradicional. Um “só trouxe a desgraça” e o outro “era uma vida segura. Ela era protegida de modo a garantir a saúde e longevidade. As crianças aprendiam desde cedo a ganhar responsabilidade, respeito, moral e a viver em comunidade”. Há a tentativa de repreender a pós-modernidade, que instaurou o profano individualista, e pôr em seu lugar o rito matrimonial Ndau.

Essa sociedade acaba sendo um grande embate entre épocas, uma que valoriza o velho e outra que deseja superá-lo. A própria fricção gera a sociedade moçambicana, não é nem uma nem outra ao absoluto, ela é fruto de ambos: há a tese – o tempo tradicional –, há a antítese – o tempo pós-moderno – e há uma síntese – o *espaço de experiência*, um tempo único em um espaço conflitante. A infiltração pós-moderna se acentua, por isso surgem

contos como o apresentado pro Chinhoca, existem reações às mudanças. Ao perceber o distanciamento entre o modo de vida do avô do seu, ele reage, escreve um texto e publica para que o máximo de pessoas possam modificar seu *espaço de experiência*. Isso é resultado da fricção cultural em Moçambique gerado pela infiltração da cultura pós-moderna euro-americana.

Os tempos presentes nesse conto são complexos e se articulam em diversos âmbitos, permitindo-nos trabalhar com uma multiplicidade de ângulos sobre as tradições matrimoniais e sexuais Ndau. Assim sendo, auxilia a observação das reações ao tempo pós-moderno na sociedade moçambicana. Acreditamos que esse estudo irá facilitar, a quem interessar, a compreensão da cultura moçambicana. Demos ferramentas para expandir o conhecimento sobre as tradições e mentalidades dessa sociedade, mas também fornecemos uma abertura para o entendimento ampliado da literatura local e como ela se vincula com certas formas de pensamentos contemporâneos de Moçambique.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 14.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Tradução por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução por Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CHABAL, Patrick. Imagined modernities: community, nation and state in postcolonial Africa. In: TORGAL, Luís Reis; PIMENTA, Fernando Tavares; SOUSA, Julião Soares (Eds.). **Comunidades Imaginadas: Nação e Nacionalismos em África**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 41-48, 2008.

COSTA, Ana Bérnard da. A pobreza, a guerra e a paz em Moçambique: teorias, relações e percepções. In: **II Conferência IESE: “Dinâmicas da Pobreza e Padrões de Acumulação Económica em Moçambique”**. Conference Paper nº 20, Maputo, 2009. Disponível em: <http://www.iese.ac.mz/lib/publication/II_conf/CP20_2009_Costa.pdf>. Acesso em 2017-10-09.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução por Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FINLEY, Moses. **O uso e abuso da história**. Tradução por Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. 15º Ed. Tradução por Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HAUSMANN, Ricardo; PRITCHETT, Lant. **What did Mozambique export in 2016?**. The Atlas of Economic Complexity. Disponível em: <<http://atlas.cid.harvard.edu/explore/?country=147&partner=undefined&product=undefined&productClass=HS&startYear=undefined&target=Product&year=2016>>. Acesso em: 2018-03-08.

Human Development Report 2016: Human Development for Everyone; Briefing note for countries on the 2016 Human Development Report; Mozambique. United Nations Development Programme. Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/all/themes/hdr_theme/country-notes/MOZ.pdf>. Acesso em: 2017-10-03.

KRAKOWSA, Kamila. “Entre o passado tradicional e o futuro socialista: as modernidades moçambicanas em Terra Sonâmbula, de Mia Couto”. **Configurações** [online], no. 12, pp. 1-14, 1 de dezembro de 2013. DOI: 10.4000/configuracoes.2099.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução por Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pererira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

LANGA, Filipe J. L. **Atlas do perfil habitacional de Moçambique (1997 a 2007)**: uma abordagem do SIG. Tese (Mestrado em Estatística gestão de informação) – Instituto Superior de Estatística e Gestão de informação, Universidade Nova de Lisboa. 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **L'ère du vide**: essais sur l'individualisme contemporain. Mayenne: Éditions Gallimard, 1983.

_____. **Os tempos hipermodernos**. Tradução por Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MACHADO, Alexsandro dos Santos; ZINA FAZ-VER, Domingos P.; DUARTE, Letícia (Eds.). **Nganos**: contos tradicionais Moçambicanos. 2º ed. Porto Alegre: Algo Mais, 2007.

MINOIS, Georges. **Histoire de l'athéisme**: Les incroyants dans le monde occidental des origines à nos jours. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1998.

Moçambique. The World Bank. Disponível em: <<https://data.worldbank.org>>. Acesso em: 2017-10-04.

Mozambique: Civil war. World Peace Foundation. 2015. Disponível em: <<https://sites.tufts.edu/atrocityendings/2015/08/07/mozambique-civil-war/>>. Acesso em: 2018-03-09.

NASCIMENTO, Lidiane Alves Do; RAMOS, Marilúcia Mendes. “A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras”. **Crítica Cultural**, v. 6, p. 453-467, 2011.

PINTO, Isabel Ruiz. “Ortega y Gasset, J. (2002). El tema de nuestro tiempo.”. **SCIO**. Revista de Filosofia, Valência, nº 10, novembro de 2014. 177-180, ISSN: 1887-9853. Disponível em: <<https://www.ucv.es/investigacion/publicaciones/catalogo-de-revistas/revista-scio/articulo/518>>. Acesso em 2017-10-08.

SOUZA, F. Z. D. “A figura do velho e seu lugar na estrutura social da África em Sangue da avó manchando a alcatifa, de Mía Couto”. **Trabalho de Conclusão de Curso**: Universidade Estadual da Paraíba. 2011.

Artigo recebido em março de 2019. Aprovado em junho de 2019.